

**GLADSTONE CHAVES DE MELO,
UM BRASILEIRO DE ALMA PORTUGUESA**

Aníbal Pinto de Castro

Universidade de Coimbra

A 8 de dezembro passado, quando me preparava para participar na missa da Imaculada Conceição, que a Universidade de Coimbra celebra em cada ano para louvar a sua Padroeira, chegava-me a tristíssima notícia do falecimento de Gladstone Chaves de Melo.

A coincidência era simbolicamente linda para quem, como eu, conhecia a sua filial devoção à Mãe de Jesus e a sua provada dedicação à *Alma Accademia Conimbrigensis*, que a 24 de outubro de 1992, em cerimônia solene, sempre regida segundo o ritual prescrito, desde 1653, nos *Estatutos Velhos*, o recebera no seu claustro, conferindo-lhe o grau de Doutor *honoris causa*, pela Faculdade de Letras. Mas nem por isso era menos densa a mágoa que tal notícia fazia cair no meu coração, pela consciência de uma fraterna amizade de longos anos e de uma profunda comunhão de ideais, sempre norteados pelos valores da grande Pátria Lusíada, feita de tantas e tão várias diferenças, mas plasmada na realidade inconsútil que lhe dá a língua que amamos e falamos em ambas as margens do *maré Atlanticum nostrum*. É que, com o fim de sua vida terrena, calava-se uma das vozes que, em todos os tempos, e muito em especial na segunda metade do século XX, se levantava, com mais longo alcance e mais sólida fundamentação científica, na defesa e ilustração dessa relação placentária do Brasil com a sua matriz lusitana, tanto na língua como na cultura, sem que, para isso, alguma vez tivesse incorrido na tentação ou corrido o risco de deixar de ser Brasileiro até à medula da razão e da sua emoção, cujas raízes mergulhavam fundo no “chão de ferro” das serras de Minas Gerais que lhe tinham sido berço.

Por isso me é grato sublinhar, neste breve testemunho, o lugar que, na sua atividade como professor, investigador, diplomata e homem de cultura, ocuparam os temas portugueses, sobretudo aqueles que se relacionaram com a língua e a literatura, tanto na sua essência própria, como na sua multiforme relação de séculos com o Brasil.

Foi nessa perspectiva que o seu trabalho de professor e investigador se transformou num quase apostolado científico, pelo mundo em pedaços

repartido, que, da sua originária Faculdade Nacional de Filosofia da antiga e tão prestigiosa Universidade do Brasil, o levaria às mais afamadas cátedras em outras Universidades do seu País natal, bem como às de Portugal, Espanha, França, Alemanha, Bélgica, Holanda ou Inglaterra.

De todo este longo peregrinar de *clerc* do saber filológico, merecem referência à parte, neste momento de evocação, os cursos que regeu sobre Machado de Assis e sobre Cultura Brasileira nas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra.

Das muitas reuniões científicas consagradas a temas portugueses, lembram apenas o Congresso Internacional de Etnografia e Folclore (Santo Tirso, 1963), o V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Coimbra, 1963), as sucessivas Reuniões Internacionais de Camonistas (a 1ª em Lisboa, 1972; a 2ª em Niterói, 1973; a 3ª em Coimbra, 1980; a 4ª em Ponta Delgada, 1983; e a 5ª em São Paulo, 1987); os I, II e III Congressos Internacionais de Lusitanistas (Poitiers, 1984; Leeds, 1987; e Coimbra, 1990). O Congresso Internacional sobre as Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal (Coimbra, 1988), o Congresso Internacional de Estudos Camilianos (Coimbra, 1991), etc.

No exercício das funções diplomáticas a que foi chamado, importa sublinhar o posto de Conselheiro Cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa, primeiro de 1962 a 1964, e depois, de 1972 a 1974, pois no seu exercício pôde desenvolver uma ação tão intensa quanto frutuosa, a todos os níveis, entre ambos os Países.

Sempre norteado, no seu pensamento científico, pela Unidade da língua portuguesa, em perfeita consonância com o reconhecimento das variantes normais faladas na Europa, no Brasil e nos nossos Países Africanos de Expressão Oficial Portuguesa, consagrou-se afincadamente ao estudo dessa realidade, cujo conhecimento científico adquirira nas lições da plêiade de Filólogos brasileiros de meados do século passado, entre os quais pontificavam Augusto Magne, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Joaquim Mattoso Câmara ou Serafim da Silva Neto, entre tantos outros, já da sua geração.

Vejam-se, a este propósito, trabalhos seus como *Alencar e a "língua brasileira"* (3.ª ed. Rio de Janeiro, 1972). *Quelquer remarques sur le portugais du Brésil dans l'optique de la Linguistique Romane* (Lovaina, 1984). *Os "brasileirismos" de Fr. Luís de Sousa* (Niterói, 1985) ou *A excelência vernácula de Gonçalves Dias* (1990);

Consciente da fundamental importância do ensino para o domínio da língua, consagrou boa parte do seu trabalho à elaboração de instrumentos didáticos como o *Novo manual de análise sintática* (4.^a ed. Rio de Janeiro, 1971), o *Ensaio de estilística da língua portuguesa* (ib., 1976; dele há uma edição portuguesa publicada pela Ed. Poseidon, de Albufeira, em 1979) ou a *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa* (3.^a ed. Rio de Janeiro, 1978).

Sempre nesta linha, estudou com rara sensibilidade semântica autores como Camões, Antonio Vieira, Fr. Luís de Sousa, cujos textos lhe mereceram cuidadosa atenção como editor, como se prova pela publicação, por vezes em colaboração, de obras como o *O Sermão da Sexagésima*, *Os Lusíadas* ou a *Vida do Arcebispo*.

E importa não esquecer o contributo que, nas suas aulas e nos seus escritos, deu à presença da Literatura Portuguesa na formação e definição da Literatura Brasileira, saindo, sempre que necessário, em defesa pública do seu lugar fundamental nos quadros curriculares do sistema de Ensino do Brasil.

Foi mercê deste percurso que Gladstone Chaves de Melo assumiu, com a plena consciência de um dever de inteligência, o papel de estabelecer traços fortes e duradouros na união indissolúvel que modela ambas as Pátrias numa simbiose cultural lingüística e espiritual que o tempo transformou num imperativo da História. E a melhor maneira de lhe prestarmos a nossa homenagem de Brasileiros e Portugueses será por certo dar continuidade à mensagem, ora implícita ora manifestada nas palavras ditas e escritas, que a sua vida encerra, atualizando-a segundo as condições próprias de cada momento, de modo a garantir a perenidade que ela significa e pontificadamente desejou.